
DESLIZAMENTOS DE SENTIDO NA CONSTITUIÇÃO DE UM LUGAR NA LÍNGUA: O EFEITO DA DESIGNAÇÃO

Marluza Terezinha da Rosa

Decerto a voz provém de mim, de meu corpo, mas meu corpo, que está aqui, é percebido pelo outro como a metonímia de um lá, o lá de minha terra de origem.
(DAHLET, 2003)

RESUMO[©]: Este estudo se insere em uma proposta de reflexão que busca, sob uma perspectiva discursiva, problematizar efeitos de sentido, produzidos por meio de enunciados, reiterados no discurso de sujeitos imersos em dois sistemas simbólicos: a língua portuguesa e a alemã (falada no sul do país). O mote que nos instiga a pensar essa questão é a constante diferenciação assinalada por esses sujeitos entre eles e aqueles que falam unicamente o português. Ao serem interpelados a respeito de sua origem, afirmam ser “alemães”, e referem-se aos não falantes de sua língua como “brasileiros”. O principal questionamento que nos colocamos, para esta discussão, concerne ao lugar que esses sujeitos ocupariam na língua: assumiriam eles a condição de estrangeiros, uma vez que se denominam alemães em território (geograficamente) brasileiro, ou estariam em um lugar simbólico entre ambas as línguas?

PALAVRAS-CHAVE: Discurso, Língua, Designação.

PERCURSO INICIAL

Sabemos existir, em alguns estados do Brasil, comunidades de imigrantes europeus, nas quais sua língua de origem ainda se mantém. No Rio Grande do Sul, casos como esses são bastante significativos, havendo cidades nas quais o Italiano ou o Alemão, por exemplo, são falados diariamente. O sujeito falante dessas línguas, hoje já modificadas pela influência do Português, costuma atribuir considerável valor a estas, ajudando a manter um imaginário saudosista de *língua-natal* a ser compartilhado com seus descendentes. Alguns desses sujeitos, apesar de já pertencerem à terceira ou quarta geração nascida no Brasil,

denominam-se “alemães”¹, e concebem essa língua como sua língua de origem.

Acreditamos que isso se deve ao fato de haver permanecido, entre os descendentes teuto-brasileiros, o imaginário de uma pátria que seria mantida viva na/pela maneira de falar. Existiria, por assim dizer, um elo estabelecido entre língua e pátria, nessas comunidades, o qual pode ser considerado como constitutivo dos sujeitos, uma vez que, para estes, a língua consistiria em um bem herdado de seu país de origem e de seus ancestrais (cf. CAMPOS, 2006). Essa língua, válida somente na relação entre os integrantes da comunidade, teria seu sentido ligado ao âmbito do que é familiar e à acolhida. Conseqüentemente, o falar alemão contribuiria para manter a unidade da relação língua-comunidade-pátria.

A valorização da terra/língua de origem se faz ver pela maneira como esses imigrantes preservam seus costumes, sua religião, seu falar. Há aqueles que “não gostam de brasileiros”, provavelmente porque ainda sentem latente a repressão de sua língua², a língua tão cara de seus antepassados. Falam em *seu alemão* e “utilizam-se” do Português apenas por necessidade. Há outros que já não sentem o peso desse acontecimento³, mas que, de vez em quando, defrontam-se com um “ele fala errado”. Estes, embora se valendo do Português, carregam consigo a cicatriz que os marcaria como estrangeiros nesse lugar: seu sotaque.

Levando em consideração tal situação, neste trabalho, objetivamos problematizar a

¹ Assinalamos os termos “alemão(ães)” e “brasileiro(s)” em função de estes serem constituintes do discurso dos teuto-brasileiros, não uma designação nossa.

² Referimo-nos aqui à imposição, pelo Estado Novo, do processo de “nacionalização do ensino”, o qual considerava “crime idiomático” o uso de outras línguas, que não o Português, em território brasileiro (a esse respeito, conferir CAMPOS, 2006).

³ Estamos tratando aqui de acontecimento histórico, ou seja, um “evento que produz um fato físico, sociohistórico” (Dorneles, 1999, p. 158).

© Trabalho vinculado ao Grupo de Estudos Lingüísticos (G.E.L.) e desenvolvido sob a orientação da Profª. Dr. Amanda Eloina Scherer.

que efeitos de sentido os enunciados “sou alemão” / “falo alemão” estariam vinculados, bem como a que imaginário de língua estaria relacionado esse falar.

1. Da constituição do sujeito e dos sentidos

Ao compreendermos a noção de língua, que povoa o imaginário do sujeito teuto-descendente, como uma “herança” que remeteria às suas origens, buscamos estudar aqui a questão da constituição do sujeito e do sentido, ligadas à língua, enquanto materialidade, passível de equívoco na história. Entendemos que o sentido constituído pelo sujeito em seu discurso é resultante de um gesto de interpretação por ele realizado. Tal gesto inscreve, na história, um dizer que se relaciona com outros dizeres, podendo vir a se transformar e a se tornar outro. Por esse viés, a constituição dos sentidos se dá por deslizamentos, pela possibilidade de interpretação dada ao sujeito pela língua (cf. PÊCHEUX, 1997).

Quando, enquanto analistas, voltamos para a leitura desse gesto, também o fizemos inseridos em uma historicidade e posicionados em determinado lugar. Ao agirmos desse modo, tomamos *uma* perspectiva, a qual vai fazer com que nosso dizer signifique de *uma* forma, e não de outra, e se inscreva em certos lugares e não outros. Assim, acreditamos estar efetuando também um gesto de interpretação, ao buscarmos compreender os mecanismos de funcionamento do discurso do sujeito teuto-brasileiro sobre a língua, bem como os efeitos de sentido por ele produzidos.

O viés que tomamos nos incita a observar aspectos marcantes na história desses sujeitos, que ressoam ainda hoje em seu discurso a respeito de quem são e da língua que falam. Apesar de não nos direcionarmos ao período de colonização e de consolidação dessas comunidades, uma vez que não estamos partindo em busca do momento de fundação desse discurso, tomamos os sentidos que os enunciados observados veiculam no discurso de brasileiros e de alemães como constitutivos das condições de produção desse discurso. Compreendemos que, de acordo com Orlandi (2001, p. 22), “não há um sentido (conteúdo), só há funcionamento da linguagem”, e é dessa forma, por meio do funcionamento desses enunciados, que buscamos propor algumas reflexões a respeito dos mesmos.

Em uma perspectiva discursiva, observamos que sujeito e língua estão inter-

relacionados e são interdependentes, pois é pela língua que o sujeito se constitui e é no discurso do sujeito que a língua se significa. Nessa abordagem, sujeito e sentido constituem-se mutuamente na relação com a língua, o que nos possibilitaria compreendê-la em sua opacidade. Sua não-transparência deve-se ao fato de o sentido poder oscilar, visto que o mesmo não se encontra atrelado às palavras em si e por si mesmas. Para Pêcheux (1997⁴):

O sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição, etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas). (PÊCHEUX, 1997, p. 160)

A partir da afirmação de Pêcheux, entendemos que, pela formação ideológica à qual os sujeitos se filiam, estes constituem sentidos, na língua, de maneira diferenciada. Logo, temos que o sentido de uma palavra, por exemplo, não seria único e invariável, mas dependeria do modo como fosse relacionado, não só a outros termos em uma formação discursiva, mas também ao lugar que o sujeito ocupa nessa FD. O sentido não seria, assim, da ordem da língua, enquanto passível de sistematização, mas seria constituído *pela* língua, da mesma forma que o sujeito.

No entanto, ainda de acordo com Pêcheux (1997), assim como uma mesma palavra/expressão pode ter sentidos múltiplos, expressões “literalmente diferentes” podem vir a ter “o mesmo sentido”, se inscritas em uma mesma formação discursiva. Esse deslizamento de sentido é o que observaremos nos enunciados “sou alemão” / “falo alemão”, reiterados no discurso dos descendentes de imigrantes no sul do país. Veremos, por um lado, que haveria uma equivalência de sentido entre o *falar* e o *ser* alemão dentro da FD, na qual se inscreve o dizer dos teuto-brasileiros. Por outro lado, no discurso de “brasileiros”, essa equivalência não existiria.

Nesse processo de constituição do sentido, também a história possui um papel bastante representativo, pois, na concepção de Orlandi (2001):

⁴ Edição brasileira consultada. O original data de 1975.

Para ressoar, é preciso a forma material, a língua-e-a-história. Algo do plano da existência produz essa possibilidade junto ao que dá linguagem. E em que sujeito e sentido se constituem. Se, de um lado, a linguagem tem sua parte na injunção a significar, de outro, o mundo exerce sua força inexorável. (ORLANDI, 2001, p. 102)

Sendo assim, podemos observar que a história influencia tanto na maneira como o sujeito se assume na língua, quanto nos sentidos que ele constitui. Entendemos que seu falar é historicamente situado, visto que o sujeito, quando fala, fala de um determinado lugar⁵, e este, por sua vez, é constitutivo de seu dizer.

Teríamos, então, que, ao assumir-se na língua, o sujeito ocupa uma posição e, a partir dela, enuncia. Entretanto, para que o sujeito se coloque em determinado lugar, sua língua deve autorizá-lo a assumir-se como *eu*. Dito de outro modo, tal sujeito necessita se inscrever na língua, para que seu dizer signifique, pois em concordância com Orlandi (2001, p.100), “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este submete-se à língua significando e significando-se pelo simbólico na história”.

Como sujeitos falados pelo discurso, já fizemos parte da memória de nossa língua, e a teríamos como uma espécie de lugar confortável e seguro. Nas palavras de Dahlet (2003, p. 24), “no caso de *minha língua*, no espaço de meu nascimento, o sentimento de *aderência*⁶ é imediato, de modo que me sinto em casa em minha língua, em casa em meu espaço, em casa em meu eu”. Podemos depreender, por esse sentimento de estar em casa, a língua tomada como um “espaço de referência”, um mundo. Fora dela, o sujeito se sente ameaçado pelo outro, por aquele que lhe seria estranho, pois vive diferentemente, fala diferentemente.

2. O gesto de designação produzindo efeitos

A perspectiva previamente mencionada nos auxilia a compreender um dos pontos que tangem nossa reflexão sobre o lugar que o sujeito teuto-descendente ocuparia nas línguas, ou seja, o caso da designação. Pensamos que tal imigrante denominar-se-ia

“alemão”, em função de ter sido primeiramente designado pelo “brasileiro”, o qual estabelecera a sua língua/seu lugar como parâmetro. De acordo com Guimarães (2006, p. 130), “a designação é o modo de relacionar as palavras e coisas na medida em que as palavras as identificam simbolicamente”. Em conformidade com a concepção proposta pelo autor, poderíamos dizer que se referir a alguém com a expressão “ele é alemão”, não implicaria simplesmente uma indicação, pois o designar envolve um gesto que identifica o ser nomeado. Além disso, a designação é sempre feita por alguém que está em determinado lugar social/histórico e, por essa razão, afetaria a constituição dos sentidos e do próprio sujeito. Nesse caso, o gesto de designação realizado pelo “brasileiro” teria consequências na constituição do sujeito designado, o “alemão”.

Sendo assim, acreditamos que estamos lidando, nessa situação, com uma estrangeiridade simbólica, construída através da linguagem, que giraria em torno da representação desse imigrante. Entendemos, filiando-nos na oposição *familiar x estranho*, estabelecida por Freud (1985⁷), que o imigrante estaria relacionado ao segundo pólo de tal distinção, o qual diria respeito ao exterior, não físico, mas simbólico. Nessa direção, podemos considerar que, em um primeiro momento, o sujeito imigrante teria sido colocado, pelo “brasileiro”, por meio de um gesto de designação (representado no esboço pela seta), no âmbito daquilo que lhe é estranho e ameaçador, em uma ordem de não pertencimento à sua casa, ao seu lugar, ou seja, à sua língua. Tal como demonstra o esboço que se segue:

1º momento: gesto de designação “ele é alemão” **porque** “é estranho”.



A estrangeiridade estaria, assim, marcada por um afastamento entre sujeito brasileiro e sujeito imigrante. Tal afastamento teria sido estabelecido por meio de um gesto de designação, o qual funcionaria a partir do imaginário construído pelo brasileiro em torno do imigrante. Em outras palavras, a

⁵ Quando nos referimos a lugar, temos em mente as reflexões de Scherer (2006), para quem este consiste não em uma estrutura física, mas simbólica.

⁶ Grifos da autora

⁷ Edição consultada. O original data de 1919.

designação 'alemão' remeteria ao estranho, logo, ao estrangeiro. Entendemos que, na perspectiva do "brasileiro", o imigrante seria visto como forasteiro. Este teria vindo para abalar sua segurança, não apenas lingüística, mas cultural, pois a imagem de um grupo estranho, falando sua própria língua e formando sua própria comunidade, independentemente de auxílio ou de autorização do homem daqui, ainda perduraria na designação, pela qual esse sujeito tem sido chamado. O outro, estrangeiro, teria vindo tomar seu lugar, consistindo, assim, em uma ameaça. Acreditamos que o fato de o imigrante ter tido seu falar silenciado, sua cultura reprimida e, ainda hoje, seu sotaque ridicularizado, deve-se, em grande parte, a essa imagem *místico-negativa*, construída em torno do estrangeiro. Poderíamos acrescentar que um dos campos onde ocorreu o confronto entre o homem daqui e o outro foi o da linguagem. De acordo com Campos (2006, p. 179), "um dos pressupostos adotados foi o da valorização da linguagem, que levou à polarização entre 'brasileiros' e 'alemães'".

Por outro lado, a ligação estabelecida entre o nome e o ser nomeado teria seu sentido constituído não somente por sua inscrição na história, mas também pelo seu funcionamento no discurso. Pensamos, então, que, no âmbito da repetição e da reestruturação pelos sujeitos, essa designação sofreria um processo de re-significação, um fluir de sentido, pois, circulando no discurso de "alemães", viria a significar de outra forma, deslocando-se, tal como desenvolvido no segundo esboço:

2º momento – re-significação da designação no discurso de teuto-brasileiros:

"Eu sou alemão" **porque** "eu falo alemão"

No caso dos imigrantes alemães, observamos, em seu falar, a nostalgia de haver deixado uma pátria, uma mãe. Ainda segundo Campos (2006, p. 30), "é significativo ressaltar a grande importância atribuída ao uso da língua pelo imaginário da população de origem alemã do sul do Brasil, a partir da associação da noção de linguagem⁸ à noção

de pátria". Essa terra parece permanecer em seu imaginário como a imagem, ou a miragem, de um *paraíso perdido*, abandonado em prol de novas perspectivas. Esse sujeito já não é mais aquele que partiu em busca de trabalho e de riquezas; no entanto, ainda mantém um elo com esses heróis antepassados, através da *língua-pátria* que eles trouxeram. Assim, observamos que, em um segundo momento, o sujeito imigrante, constituído e afetado pela designação que lhe foi atribuída, toma-a para si, fazendo-a funcionar em outra formação discursiva, na qual o *ser* passa a ser definido pelo *falar*. Tal re-significação, em nosso entendimento, transfere a imagem, construída pelo olhar do outro, para o âmbito lingüístico, no qual se assumir alemão implica uma identificação com o imaginário de língua compartilhado por essas comunidades, pois se não falo o alemão, não sou "alemão", mas "brasileiro". O ser alemão, dessa outra perspectiva, implicaria uma aproximação à língua.

No entanto, essa alteração de sentido mantém algo do mesmo, ou seja, do sentido constituído no primeiro momento, uma vez que o teuto-descendente se diferencia do outro, o "brasileiro", por não pertencer a esse lugar. Observamos que o "ser alemão" tem seu sentido oscilante entre o discurso de "brasileiros" e teuto-brasileiros. Para os primeiros, este estaria relacionado ao ser estranho ou ser de fora – "ele é", lembrando, aqui, a relação *eu/tu x ele* em uma perspectiva benvenistiana. Para os últimos, apesar de ser constitutivo de sua "identidade", esse enunciado estaria ligado à falta de lugar, pois esse espaço lingüístico, no qual eles estariam inscritos, não possibilitaria que os mesmos se inserissem na língua alemã (posto que o alemão falado no sul do Brasil se distancia daquele falado na Alemanha, em virtude das transformações pelas quais ambas as línguas têm passado), tampouco na língua portuguesa.

Podemos compreender que se dizer "alemão", para os últimos, envolveria não só o fato de estar fora de uma cultura ou de uma língua – como da perspectiva do brasileiro – mas, em concordância com Kristeva (1994, p. 15), de "não pertencer a nenhum lugar", visto que o próprio sujeito teuto-descendente se assume estrangeiro. Poderíamos acrescentar que esse sujeito não teria um lugar delimitado *ou* em uma *ou* em outra língua, mas estaria em um lugar simbólico *entre* ambas.

Quando o sujeito teuto-brasileiro se denomina "alemão", somos levados a pensar na Alemanha (lugar físico) como sua casa, uma vez que o "brasileiro" não é ele, mas o

⁸ Os termos 'língua' e 'linguagem' são empregados pela autora indiscriminadamente, o que, possivelmente, deve-se ao fato de esta distinção não ser sua preocupação enquanto historiadora. Para nós, tal delimitação é fundamental, no entanto, não é nosso propósito desenvolvê-la neste texto.

outro. Porém, se nos perguntarmos qual Alemanha esse sujeito conhece, entenderemos que se trata daquela que lhe foi contada e que parece permanecer a mesma, paradisíaca. Embora o falar na língua alemã possa lhe incutir um desejo de retorno às origens, à pátria, sabemos que esse desejo seria inalcançável. E esse sujeito também sabe que não encontraria, fisicamente, a Alemanha Prometida (lugar simbólico). A terra dos sonhos vive somente na língua e, por isso, para ele, essa língua deve viver.

REFLEXÕES FINAIS

No percurso que viemos delineando, pensamos que é pelo olhar do outro, o “brasileiro”, que o imigrante se vê como um outro, um estranho a esse lugar e, por isso, teria chamado a si próprio estrangeiro. A designação a ele atribuída funcionaria de modo que seu sentido oscilaria, dependendo dos sujeitos, do discurso e das condições em que fosse enunciada. Acreditamos que o sujeito teuto-descendente assumiria o dizer “sou alemão”, inscrevendo-o em uma outra instância de discurso, na qual o *ser* teria seu equivalente no *falar*. Entretanto, por não estar nem em uma língua (a língua alemã), nem em outra (a língua Portuguesa) e, por sentir-se fora do lugar, esse sujeito se fecha em *sua língua*, a qual remeteria à sua pátria, embora sejam ambas imaginárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile. *A natureza dos pronomes*. In: **Problemas de Lingüística Geral I**. Campinas: Pontes, 1995 (p. 277-283).

CAMPOS, Cynthia M. **A política da língua na era Vargas**: proibição do falar alemão e resistências no sul do Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

DAHLET, Véronique. *Culturas da identidade: o eu entre espaços e línguas*. In: **Revista Letras** (n.26): Santa Maria, 2003 (p. 21-28).

DORNELES, E. F. *O discurso do MST: um acontecimento na estrutura agrária brasileira*. In: **Ensaio** Os Múltiplos Territórios da Análise do Discurso (v. 12). Porto Alegre, 1999 (p. 149-172).

FREUD, Sigmund. *L'inquiétante étrangeté. L'inquiétante étrangeté et autres essais*. Paris: Gallimard, 1985 (p. 209-263).

GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do Acontecimento**. Campinas: Pontes, 2002.

_____. *Semântica e pragmática*. In: GUIMARÃES, Eduardo; ZOPPI-FONTANA, Mônica (Orgs.). **Introdução às Ciências da Linguagem**: A palavra e a frase. Campinas: Pontes, 2006.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ORLANDI, Eni P. **Discurso e texto**. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Pontes, 1997.

SCHERER, Amanda E. *Dos domínios e das fronteiras: o lugar fora do lugar em outro e mesmo lugar...* In: **I Colóquio Internacional de Análise do Discurso**. São Carlos: UFSCAR, 2006.